

ANDRESSA DE SOUZA MORGADO

**A importância do desenvolvimento psicomotor da
criança de 0 a 6 anos**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Educação
2007**

ANDRESSA DE SOUZA MORGADO

**A importância do desenvolvimento psicomotor da
criança de 0 a 6 anos**

“ Trabalho apresentado como requisito para conclusão da Habilitação Educação Infantil à Comissão de professores responsáveis pelo Curso: Profas. Dras. Marisa Del Cioppo Elias, Mônica F.V. Mendes; Neide Barbosa Saisi, Suzana Rodrigues Torres e Maria José P.M. França, sob a orientação da Profa. Dra Marisa Del Cioppo Elias.”

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Educação**

2007

Dedicatória

**Agradeço à Deus, à minha família em especial à minha mãe,
irmã, aos amigos e professores que me ajudaram.**

Nada é fixo para aquele que alternadamente pensa e sonha.

(Gaston Bachelard)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo mostrar a importância do movimento para a criança, sendo assim, enfatiza a importância da conscientização em especial dos pais e professores, das etapas do desenvolvimento psicomotor da criança de 0 a 6 anos. Utilizei o levantamento bibliográfico para falar sobre a historicidade da Psicomotricidade e os aspectos relacionados à ela, descrevendo-as à luz de alguns teóricos, destacando: Freire (1994), Le Boulch(1982), Kolyniak Filho (1996), Galvão (1995), Araújo (1992), Fonseca (2004), Benjamin (1984) e Kishimoto (2001). Conclui que é importante o desenvolvimento integral da criança, levando em consideração os aspectos físicos, psíquicos e motor, sendo relevante o respeito e conhecimento das etapas de desenvolvimento delas para o professor e pais.

Palavras chaves: Psicomotricidade, desenvolvimento psicomotor e brincar na Educação Infantil.

Sumário

1. Considerações históricas sobre a Psicomotricidade.....	
2 . O desenvolvimento da Psicomotricidade.....	
2.1 Esquema corporal.....	
3 O desenvolvimento psicomotor da criança de 0 a 6 anos.....	
3.1 Análise das etapas do desenvolvimento psicomotor.....	
3.2 Etapas do desenvolvimento corporal.....	
Corpo vivido (até 3 anos);	
Corpo percebido (3 a 7 anos);	
Corpo representado (7 a 12 anos)	
3.3 Habilidades básicas.....	
Coordenação global;	
coordenação fina e óculo-manual	
Lateralidade; Orientação espacial; Temporal e Ritmo.	
4. Importância de brincar e dos jogos durante a primeira infância...	
4.1 O brincar e os jogos na pré-escola.....	
Considerações finais.....	
Referencias bibliograficas.....	

Introdução

O presente trabalho se fundamenta em uma pesquisa documental sobre a Psicomotricidade, ressaltando a importância do movimento da criança em suas fases de desenvolvimento de 0 a 6 anos de idade, que corresponde ao período da Educação Infantil.

O tema Psicomotricidade tem grande importância na formação da criança como um todo, sendo assim, é essencial o desenvolvimento das habilidades motoras do ponto de vista social, cognitivo e afetivo, para a construção do ser.

É através da motricidade e também pela visão que a criança descobre o mundo dos objetos, o mundo dos outros e o seu próprio mundo. O ser humano se relaciona com o outro, aprende sobre si mesmo, aprende sobre o meio social em que vive. Descobre o mundo se autodescobrindo.

Os movimentos estão presentes em todas as atividades humanas, seja no lazer, no trabalho, na alimentação, na escola, entre outros.

Acredito que este trabalho tem um papel importante para refletir sobre a formação integral do indivíduo e sua complexidade. A partir do mesmo, que o professor se conscientize sobre a importância do seu trabalho como influência no desenvolvimento da criança.

Na Educação Infantil, a criança terá suas primeiras experiências formais para seu desenvolvimento, tornando-se um fator determinante em sua trajetória escolar.

O movimento humano é mais do que o simples deslocamento do corpo no espaço é um meio pelo qual a criança atua sobre o meio físico. Ao se movimentarem as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, elas aprendem agindo sobre o meio e se movimentam pelo prazer do movimento em si mesmo, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais.

Durante meus estágios em Educação Infantil e no Ensino Fundamental-Ciclo I, observei atentamente as crianças e o professor, desde o momento da entrada das crianças até a hora de ir embora.

Ao observar as crianças dentro da sala de aula, notei que seus movimentos espontâneos eram muitas vezes repreendidos pelo professor. E por mais que não estivessem sentadas, quietas na cadeira, muitas delas conseguiam compreender o que era proposto nas aulas, demonstrando assim, que corpo e a mente estão associados no aprendizado da criança.

O trabalho se organiza da seguinte maneira: no primeiro capítulo constam alguns aspectos relevantes sobre a história da Psicomotricidade, como surgiu o termo e ela era vista pelos estudiosos ao longo dos anos.

No segundo capítulo abordarei o desenvolvimento da psicomotricidade descrevendo como a evolução do esquema corporal foi visto ao longo dos anos e a importância dessa evolução para o desenvolvimento do indivíduo.

O Terceiro capítulo fala sobre o desenvolvimento psicomotor da criança de 0 a 6 anos de idade, fazendo uma análise sobre as etapas do desenvolvimento psicomotor esclarecendo as etapas do corpo vivido (até 3 anos), o corpo percebido (3 a 7 anos) e o corpo representado (7 a 12 anos). Descrevi algumas das habilidades básicas que são necessárias à alfabetização da criança, enfatizando a coordenação global, fina, óculo-manual, a lateralidade, orientação espacial, temporal e o ritmo.

O quarto capítulo mostrará que atualmente muitos dos pais estão mais preocupados com o futuro profissional dos filhos, desconsiderando a importância do brincar, achando que é perda de tempo, desconhecendo que é através de jogos e brincadeiras que eles se desenvolvem e passa a ter uma aprendizagem significativa.

Apoiando-se no conhecimento das etapas do desenvolvimento da criança, nas suas fases de transição, sintaticamente descrevi alguns aspectos relevantes sobre o brincar, os jogos simbólicos e espontâneos de acordo com os conceitos de Piaget (1978); Marcellino (2002); Brougère (In SARTI, 2001); Chateau(1987); Brasil (1998); Elias (1985) e Wallon (In GALVÃO, 1995).

Enfatizei o papel do professor neste processo, relatei a importância do ato de brincar, do brinquedo e dos jogos infantis, focando os benefícios e privilégios da criança quando realiza esses atos.

Realizei um levantamento bibliográfico sobre autores que se baseiam na temática explorada que foram fundamentais para a construção da base teórica.

Os autores analisados neste trabalho foram; Fonseca (2004), Freire (1994), Le Boulch(1982), Kolyniak Filho (1996), Elias (1985), Oliveira (2007), Pagotti (1991), Wadsworth (1996), Galvão (1995), Buchalla (2007), Wallon (1989), Sarti (2001), Souza (2007), Rappapot (Rosa (2002), Rossetti (2001), Nascimento (1986), Vygotsky (1984), Moreira (2005), Loro (2007), Maluf (2003) Kishimoto (2001; 2003), Marcellino (2002), Costa (2001), Brasil (1998), Araújo (1992), Benjamin (1984), Château (1987).



"É indispensável a organização do esquema corporal para que o indivíduo possa tomar consciência do meio exterior. Através da educação psicomotora, poderemos favorecer sua evolução, levando a criança, progressivamente, ao controle e domínio de seu próprio corpo" (ROSSEL, In MACHADO 1986, p. 2).

1 Considerações históricas sobre a Psicomotricidade

Dupré (FONSECA, 2004), em 1920 deu origem aos primeiros estudos das relações psíquica e motora, inicialmente sob o ponto de vista neurológico-organicista. Foi o primeiro a colocar em evidência o desequilíbrio motor, denominado o quadro de “debilidade motriz”. *“Verificou que existia uma estreita relação entre as anomalias psicológicas e as anomalias motrizes, o que o levou a formular o termo Psicomotricidade”* (OLIVEIRA, 2007, p. 29). Seus estudos contribuíram para que vários autores continuassem a abordar temas baseados na interação entre o psiquismo e motricidade.

“No início, a Psicomotricidade tinha seus estudos voltados para a patologia. Wallon, Piaget, Ajuriaguerra tiveram a preocupação de aprofundar esses estudos mais voltados para o campo do desenvolvimento. Wallon se preocupou com a relação psicomotora, afeto e emoção, Piaget se preocupou com relação evolutiva Psicomotricidade com a inteligência e a Ajuriaguerra, que vem consolidar as bases da evolução Psicomotora, voltou sua atenção mais específica para o corpo e relação com o meio” (COSTA, 2001, p. 26).

Os primeiros movimentos de trabalho que falavam sobre a Psicomotricidade situavam-se dentro de uma contexto reeducativo entre a relação mente-motor. Sendo assim muitos autores tem estudado sobre a importância da Psicomotricidade e seu significado. Enfatizaremos alguns autores que falaram a respeito; Piaget (In OLIVEIRA, 2007), Wallon (1995), Ajuriaguerra (In OLIVEIRA, 2007), Le Boulch (1982), Freire (1994) e Fonseca (2004).

Piaget (In OLIVEIRA, 2007) ao estudar as estruturas cognitivas vai descrever sobre a importância do período sensório-motor e da motricidade.

O desenvolvimento mental se constrói através das adaptações e equilibrações da mesma através da manipulação dos objetos e em seu contato com o meio em que vive.

“ A adaptação se dá na interação com o meio e se faz por intermédio de dois processos complementares: assimilação, que é o processo de incorporação dos objetos e informações às estruturas mentais já existentes; e a acomodação, significando a transformação dessas estruturas mentais a partir das informações sobre os objetos” (OLIVEIRA, 2007, p. 31).

A criança vivência experiências através de seus sentidos, assim, ao mesmo tempo em que está ampliando as capacidades de movimento de seu corpo, está desenvolvendo suas funções intelectuais. Segundo OLIVEIRA (id., p. 32) “(...) para que a psicomotricidade se desenvolva, também é necessário que a criança tenha um nível de inteligência suficiente para fazê-la desejar “experienciar”, comparar, classificar, distinguir os objetos”.

Brandão (In OLIVEIRA, 2007, p. 32) esclarece que:

“ Mesmo após o início da prática dos movimentos voluntários, é somente após a criança ser capaz de representar mentalmente os objetos, de simbolizar, de poder fazer abstrações e generalizações, que poderá fazer a “invenção” de novos meios de ação. As manifestações da inteligência prática aparecem pelos 8 ou 9 meses, quando as condutas da criança demonstram que ela é capaz de combinar duas ou mais ações usando-as como meios para vencer as situações que a impedem de executar um ato desejado como, por exemplo, afastar primeiro um obstáculo interposto entre a sua mão e o brinquedo que quer manipular e só então aproximar a mão do objeto e segurá-lo”.

Para Wallon (In OLIVEIRA, 2007) há uma evolução tônica e corporal denominada *diálogo corporal*, que é através das suas ações sobre o meio que se dá a estruturação para a representação. Assim, o movimento assume uma postura dialética. A relação com o ambiente que a criança tinha antes era desorganizada, pouco a pouco, começa a se expressar através de gestos ligados à emoções vividas por ela, que mais tarde vai dar origem às suas representações.

Tanto Piaget quanto Wallon compartilham a idéia da inteligência sensório-motora relacionado à inteligência reflexiva, que através de ações sobre os objetos se desenvolvem. Na medida em que as experiências são vivenciadas pelo indivíduo, ocorre a assimilação e acomodação a partir dos movimentos que são organizados e combinados.

Ajuriaguerra defende que não deve-se estudar a psicomotricidade somente do plano motor, assim, faz uma comparação sobre a evolução da criança e da sensório-motricidade:

“ É pela motricidade e pela visão que a criança descobre o mundo dos objetos, e é manipulando-os que ela redescobre o mundo; porém, esta descoberta a partir dos objetos só será verdadeiramente frutífera quando a criança for capaz de segurar e de largar, quando ela tiver adquirido a noção

de distância entre ela e o objeto que ela manipula, quando o objeto não fizer mais parte de sua simples atividade corporal indiferenciada” (OLIVEIRA, 2007, p. 34).

O movimento e o desenvolvimento estão inter-relacionados na infância. O corpo deve ser instrumento mediador entre o meio e o objeto numa relação vivencial adequada.

“ A educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de base na escola primária. Ela condiciona todos os aprendizados pré-escolares; leva a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar seu tempo, a adquirir habilmente a coordenação de seus gestos e movimentos. A educação psicomotora deve ser praticada desde a mais tenra idade; conduzida com perseverança, permite prevenir inaptações difíceis de corrigir quando já estruturada” (OLIVEIRA, 2007, P. 36).

Sendo assim, os trabalhos de Piaget , Wallon e Ajuriaguerra tiveram preocupações com uma educação psicomotora de base pensando no desenvolvimento da criança dialéticamente na construção do motor, da inteligência e da emoção.

Le Boulch (1982) descreve a reeducação psicomotora como uma concepção que permite, através de técnicas apropriadas, corrigir os diversos transtornos. O autor defende a idéia que a educação psicomotora na idade escolar deve ser uma experiência ativa, relacionada ao meio da criança, permitindo o seu desenvolvimento, seja individualmente ou através da socialização com outras crianças por meio do jogo.

Segundo Le Boulch (1982) é possível, através das atitudes corporais, da ação educativa e dos movimentos espontâneos da criança, favorecer a gênese da imagem do corpo, que é o núcleo central da personalidade dela. O autor procura desenvolver uma concepção geral da educação psicomotora tendo em conta o nível real de desenvolvimento da criança e apoiando-se no conhecimento das etapas desse desenvolvimento.

“A educação psicomotora concerne uma formação de base indispensável a toda criança que seja normal ou com problemas. Responde a uma dupla finalidade: assegurar o desenvolvimento funcional tendo em conta possibilidades da criança e ajudar sua afetividade a expandir-se e a equilibrar-se através do intercâmbio com o ambiente humano” (LE BOULCH, 1982, p. 13).

A importância da evolução do esquema corporal para o desenvolvimento harmônico do ser humano. A fim de se evitar como conseqüências, problemas mais graves futuramente como por exemplo: problemas de linguagem, dificuldades de aprendizagem, deficiência mental, distúrbios psicomotores, deficiência visual e auditiva e, até mesmo problemas psiquiátricos (LE BOULCH, 1982).

“É indispensável a organização do esquema corporal para que o indivíduo possa tomar consciência do meio exterior. Através da educação psicomotora, poderemos favorecer sua evolução, levando a criança, progressivamente, ao controle e domínio de seu próprio corpo” (ROSSEL, In MACHADO 1986, p. 2).

Freire (1991) analisa a importância dos atos motores, onde a atividade corporal está ligada à atividade simbólica. Segundo ele, o acesso ao símbolo significa o acesso à representação mental das ações.

“Boa parte das descrições sobre o desenvolvimento infantil referem-se aos atos de pegar, engatinhar, sugar, andar, correr, saltar, girar, rolar, e assim por diante, movimentos que constatamos em quase todas as crianças” (FREIRE, 1994, p. 23).

Então, para ele não deve-se pensar a partir de uma consideração isolada do ato motor, pois, este não ocorre unilateralmente.

“Ora, um simples ato de pegar só existirá no momento em que a mão, que pode fazê-lo, interagir com o objeto a ser pego. A mão que pega possui muitos recursos, mas o que tem de ser pego está fora dela, daí o sujeito precisar sempre completar-se no mundo, que possui parte que lhe falta” (FREIRE, 1994, p. 23).

Para FONSECA (In OLIVEIRA, id.) o movimento é entendido como sendo uma realização intencional, assim como uma expressão da sua personalidade e que, portanto, deve ser observado por aquilo que representa e origina, não tanto pelo simples ato de se executá-lo. Assim, para ele, a psicomotricidade:

“(...) não é exclusiva de um novo método, ou de uma “escola” ou de uma “corrente” de pensamento, nem constitui uma técnica, um processo, mas visa

fins educativos pelo emprego do movimento humano” (In OLIVEIRA, id. p. 35).

Hoje, a Psicomotricidade é uma ciência que tem como um dos objetivos principais fazer com que o indivíduo descubra seu próprio corpo em relação ao seu mundo interno e externo, e sua capacidade de movimento-ação.

O papel da Psicomotricidade é auxiliar o indivíduo a aprender e integrar sua corporeidade, é portanto a consciência sobre o movimento, que vai da intencionalidade à sua manifestação.

O movimento psicomotor é construído pelo indivíduo, o que exige uma consciência e um domínio sobre a motricidade.

É através da harmonização entre o psiquismo e a motricidade que se edificarão manifestações efetivas na descoberta do outro, de si mesmo e dos objetos.

A psicomotricidade, como ciência da educação, procura educar o movimento desenvolvendo ao mesmo tempo as funções da inteligência. Assim, (NASCIMENTO,1986,p.1), esclarece que *“Sem o suporte psicomotor, o pensamento não poderá ter acesso aos símbolos e à abstração”*. Assim, a autora ainda esclarece que *“O desenvolvimento psicomotor evolui paralelamente ao desenvolvimento mental”*.

Sendo assim, é necessário que a criança se desenvolva por completo, tenha um desenvolvimento psicomotor harmonioso, para que possa explorar e ampliar cada vez mais suas habilidades básicas.

“Assim como o corpo precisa de uma alimentação adequada para se desenvolver, a inteligência está intimamente associada ao crescimento do cérebro, dependente da maturação física, da estimulação e interação com o meio ambiente. A afetividade e os outros aspectos desse desenvolvimento também vão se formando aos poucos, em função de suas necessidades e satisfação das mesmas” (ELIAS, 1985, p. 9).

Assim, o desenvolvimento harmonioso está vinculado à elaboração do esquema corporal, ou seja, está ligado à independência funcional dos elementos corporais, o desenvolvimento desse esquema corporal, por exemplo a independência do ombro, do braço, dos dedos, que são necessárias essa independência das partes para que a consiga criança escrever.

“(...) deficiência na formação de conceitos; falhas de percepção (na discriminação de tamanho, na orientação espaço-temporal, no esquema corporal, na discriminação figura-fundo e na gestual); atraso nos níveis de desenvolvimento motor (sentar, engatinhar e andar); alteração no processo do pensamento (dificuldades no pensamento abstrato e pensamento desorganizado); memória pobre; atenção deficiente” (NASCIMENTO, 1986, p. 3).

Para que ocorra o desenvolvimento harmônico do ser humano é indispensável a evolução do esquema corporal, que segundo Rossel (In: MACHADO, 1986), é através da educação psicomotora que podemos ajudar a desenvolver a evolução do esquema corporal da criança, para que progressivamente esta adquira o controle e domínio do seu próprio corpo.



" (...) o corpo é o ponto de referência que o ser humano possui para conhecer e interagir com o mundo" (OLIVEIRA, 2007, p. 51).

2 O desenvolvimento da Psicomotricidade

Os movimentos apresentam grande importância biológica, psicológica, social, cultural e evolutiva.

“Entendemos a criança como um ser-histórico, que se relaciona com o mundo por meio de suas interações e experiências. Esta comunicação se dá por intermédio do corpo, compreendido enquanto totalidade localizada culturalmente. Portanto, é importante a construção do movimento da criança” (LORO, 2007, p. 11).

Mover-se faz parte do viver. Assim, para a criança pequena mover-se é muito mais do que mexer o corpo ou deslocar-se, é uma forma de se comunicar e adquirir novas habilidades, e que permite que ela atue de forma cada vez mais independente no mundo. Essa autonomia só é conseguida com a confiança em si mesma e no ambiente.

Na medida em que nos desenvolvemos, nosso corpo manifesta diferentes formas de movimentos: dos mais simples e involuntários aos mais complexos e elaborados, que são determinados pelas contrações musculares e controlados pelo sistema nervoso. (NASCIMENTO, 1986), revela que *“(...) toda criança que apresenta deficiência intelectual, apresenta também atraso no seu desenvolvimento motor”*.

Para que a criança tenha uma aprendizagem significativa na sala de aula, é necessário que ela adquira certas habilidades que lhe dêem condições mínimas para atuar de forma mais precisa em seu meio. Para escrever, por exemplo, ela precisa saber segurar o lápis, ou seja, ela precisa ter uma boa coordenação fina. Esta habilidade necessita de um domínio do instrumento (lápis) e do gesto (para segurar o lápis). Para que essas habilidades ocorram, é necessário que ela esteja ciente de suas mãos como parte de seu corpo e desenvolver padrões específicos de movimento. É importante também que ela saiba deslocar-se, transportar objetos e se movimentar, sendo assim, ela deverá aprender a controlar seu tônus muscular para poder dominar seus gestos.

2.1 Esquema corporal

O corpo, por muito tempo foi visto sob aspectos espirituais, sendo posto de lado nos estudos relacionados à existência corporal do homem. Foi no século XX que o corpo começou a ser objeto de estudo, primeiro pelos neurologistas, por necessidades de compreensão das estruturas cerebrais e para o esclarecimento das patologias, e mais tarde pelos psicólogos e psiquiatras.

A noção de esquema corporal levou muitos neurologistas, psiquiatras e psicólogos, ao longo da história, a se interrogarem sobre a existência de um modelo postural. O valor relativo das diferentes posturas do corpo, as percepções do corpo, a sua integração como modelo e a forma da personalidade.

O que criou tanta confusão, discordâncias, foi a ambiguidade em pensar o corpo por um lado neurológico, e por outro, espiritual, ou seja, o corpo material e subjetivo.

Segundo Le Boulch (1982), a primeira vez que o conceito da imagem do corpo é introduzido, foi por um ato do L' Hermitte, mas, em 1935, Silder (In Le Boulch, 1982) descobre o aspecto mental e social também presente nesta concepção.

“A imagem do corpo representa uma forma de equilíbrio entre as funções psicomotoras e a sua maturidade”. Ela não corresponde só a uma função, mas sim a um conjunto funcional cuja finalidade é favorecer o desenvolvimento”. (LE BOULCH, 1982, p. 15).

Segundo Le Boulch (1985):

“(...) o esquema corporal ou imagem do corpo pode ser considerado como uma intuição de conjunto ou conhecimento imediato que temos do nosso corpo em posição estática ou em movimento, na relação de suas diferentes partes entre si, sobretudo nas relações com o espaço e os objetos que nos circundam” (LE BOULCH, In: ARAÚJO, p. 37).

Esquema corporal é, pois, a habilidade que implica o conhecimento do próprio corpo, de suas partes, dos movimentos, das posturas e das atitudes. A imagem corporal, que é a impressão que a criança, por exemplo, tem seu

corpo, pode ser medida a partir de desenhos da figura humana que ela realiza. O esquema corporal é primeiro elemento indispensável para a formação do eu. A criança percebe os outros e os objetos que a cercam a partir da percepção que ela passa a ter de si mesma.

Segundo Pagotti, Sueli (1991, p. 60) :

“(...) a consciência psicomotora em conjunto com a motricidade, possibilita a concretização do movimento, da ação, do gesto, do estado, da atividade e inclusive do controle da imobilidade”.

Segundo Loro (2007) é desde o nascimento que o ser humano entra em contato com o mundo, isto é, por meio do movimento, e, portanto, de seu corpo. Da mesma maneira o corpo ocupa um lugar fundamental na concepção freudiana, constitui as necessidades vitais e orgânicas de todo ser como comer, beber, dormir, etc., é onde todas as pulsões estão, as experiências do prazer, ligadas às da satisfação de uma necessidade.

É através das vivências, das experiências do corpo com os objetos de seu meio e com as ligações afetivas e emocionais que estabelece com as pessoas, que ocorre o desenvolvimento da criança.

“O corpo é uma forma de expressão da individualidade. A criança percebe-se e percebe as coisas que a cercam em função de seu próprio corpo. Isto significa que, conhecendo-o, terá maior habilidade para se diferenciar, para sentir diferenças. Ela passa a distingui-lo em relação aos objetos circundantes, observando-os, manejando-os”. (OLIVEIRA, 2007, p. 47)

Entendemos que a imagem corporal se constrói junto com as etapas do desenvolvimento para alcançar cada nível de organização da personalidade do sujeito. É singular, incomparável, pois está ligada ao sujeito e a sua história, nesse sentido, o esquema corporal é a busca da identidade do sujeito e de sua personalidade. Sendo assim, o esquema corporal não é algo que não pode ser aprendido através de treinamentos, enfim, ele é o resultado das experiências vividas desde o nascimento.

“ Um esquema corporal organizado, portanto, permite a uma criança se sentir bem, na medida em que seu corpo lhe obedece, em que tem domínio sobre ele, em que conhece bem, em que pode utilizá-lo para alcançar um maior poder cognitivo. Ela deve ter o domínio do gesto e do instrumento que implica em equilíbrio entre as forças musculares, domínio de coordenação global, boa coordenação óculo-manual”. (id. p. 51)

É através da expressividade do corpo, que são externalizados os sentimentos e emoções.



"(...) as aquisições da criança nos primeiros anos de vida, sofrem uma maturação orgânica que são enriquecidas com as experiências resultantes de sua interação com o meio ambiente" (ELIAS, 1985, p. 16).

3 O desenvolvimento psicomotor da criança de 0 a 6 anos

A criança na primeira infância está em um momento da vida em que ela é vista pelo corpo, as produções intelectuais ou físicas são produções corporais que se dá através da interação com o meio.

Segundo o Referencial Curricular Nacional de Educação infantil (BRASIL, 1998), no primeiro ano de vida do bebê a interação com um adulto ou mesmo com outras crianças é predominantemente afetiva e esse diálogo afetivo é caracterizado pelo toque corporal. O bebê vai dedicar grande parte de seu tempo explorando seu próprio corpo. Ele realiza importantes conquistas com o tempo, virar-se, rolar, sentar-se e antes mesmo de aprender a andar, o bebê pode desenvolver outras alternativas de locomoção, como engatinhar ou se arrastar, assim por diante.

“Ao observar um bebê, pode-se constatar que é grande o tempo que ele dedica à explorações do próprio corpo – fica olhando as mãos paradas ou mexendo-as diante dos olhos, pega os pés e diverte-se em mantê-los sob o controle das mãos- como que descobrindo aquilo que faz parte do seu corpo e o que vem do mundo exterior”. (BRASIL, 1998, p. 21).

Essas ações exploratórias permitem que ele descubra os limites do seu próprio corpo é uma grande conquista para a consciência corporal.

“ As ações em que procura descobrir o efeito de seus gestos sobre os objetos propiciam a coordenação sensório-motora, a partir de quando seus atos se tornam instrumentos para atingir fins situados no mundo exterior”. (BRASIL, 1998, p. 21).

O conhecimento de mundo da criança nesse período depende das relações que ela vai estabelecendo com os outros e com as coisas.

“(…) as aquisições da criança nos primeiros anos de vida, sofrem uma maturação orgânica que são enriquecidas com as experiências resultantes de sua interação com o meio ambiente”. (ELIAS, 1985, p. 16)

A criança é egocêntrica, o que ela conhece de si das coisas é insuficiente para estabelecer relações de grupo.

“Se o contexto for significativo para a criança, o jogo, como qualquer outro recurso pedagógico, tem conseqüências importantes em seu desenvolvimento”. (FREIRE, 1994, p. 21)

Freire (1994) ao falar sobre a padronização dos movimentos das crianças critica a Psicologia Infantil e a Psicomotricidade, pois, segundo ele, as análises vão partir muito mais do que se supõe existir internamente no indivíduo do que por aquilo que lhe falta e é exterior à ele, ou seja, desconsidera aspectos que também são fundamentais para o desenvolvimento, que é a cultura e o social.

“A manifestação de esquemas motores, isto é, de organizações de movimentos construídos pelos sujeitos, em cada situação, construções essas que dependem, tanto dos recursos biológicos e psicológicos de cada pessoa, quanto das condições do meio ambiente em que ela vive”. (FREIRE, 1994, p. 22).

Ao observar um bebê de poucos meses, que ainda não sabe engatinhar, veremos que ele vai fazer um enorme esforço para tentar alcançar qualquer objeto que esteja distante, que ele deseja, que o atrai, só restando um recurso, que seria construir um mecanismo que o leve ao objeto desejado, assim, ele vai tentar pegá-lo arrastando-se. O arrastar-se será superado quando ele adquirir maturidades biológicas suficiente, gerando força muscular e organização nervosa suficientes para que ele possa engatinhar, podendo assim, explorar novos lugares, objetos, já que o arrastar-se limitava-o de ir mais longe.

3.1 Análise das etapas do desenvolvimento psicomotor

O período sensório-motor, denominado por Piaget, se estende do nascimento até aproximadamente o final do segundo ano de vida do bebê.

Para Piaget (In Rappaport 1981), quando um ato é realizado intencionalmente, pode ser considerado inteligente.

É com os mecanismos inatos, que estão presentes desde o nascimento, que a criança vai se adaptar ao meio, de acordo com suas necessidades e

exigências que vão com o tempo se modificando, de acordo com suas exigências particulares. Assim, os movimentos presentes no bebê ao nascer (reflexo de sucção, de preensão, etc.) vão se repetindo à medida que ele necessitar, tornando um comportamento repetitivo, que aos poucos vai cedendo lugar à invenção de novas formas de adaptação.

Esses padrões de comportamento que vão se organizando de acordo com as experiências das crianças.

Ao nascer, o bebê possui padrões de comportamentos (os reflexos), que na medida que vai amadurecendo, vai ampliando suas interações com o meio, com os objetos ou diferentes situações, sofrendo um processo de acomodação, ou seja, ao enfrentar situações novas, suas estruturas e seus esquemas mudam, como sintetiza Rappaport (1981, p.73):

“ Os esquemas tornam-se adaptáveis à uma grande amplitude de situações e objetos e combinam-se entre si de diferentes maneiras, tanto em termos de sequências (por exemplo, pegar – ouvir – olhar ou ouvir – pegar – olhar, etc.) como de funcionamento simultâneo (por exemplo, levantar-se para alcançar o objeto que se deseja).

Sendo assim, quando Piaget (In Rappaport 1981) refere-se à inteligência sensório-motora, está falando de uma inteligência prática, no que se refere à *“manipulação de objetos, aquisição de habilidades e adaptações de tipo comportamental”* (RAPPAPORT 1981, p. 73)

3.2 Etapas do desenvolvimento corporal

1ª etapa: corpo vivido (até 3 anos de idade)

Essa fase é dominada pela experiência vivida pela criança que incessantemente explora a meio em que vive. Ela amplia suas experiências, passa pouco a pouca a se diferenciar de seu meio ambiente, tem uma necessidade muito grande de movimentação. É uma fase em que, adquire o conhecimento das partes de seu corpo. *“No final desta fase pode-se falar em imagem do corpo, pois o “eu” se torna unificado e individualizado”.* (OLIVEIRA, 2007, p. 59)

Esta etapa corresponde a fase da inteligência sensório-motora de Piaget.

2ª etapa: corpo percebido ou “descoberto” (3 a 7 anos)

Nesta etapa a criança interioriza seus movimentos, ajustando-os para ter um maior domínio do corpo, levando à dissociação dos movimentos voluntários. *“A criança com isto passa a aperfeiçoar e refinar seus movimentos adquirindo uma maior coordenação dentro de um espaço e tempo determinados”. (id. p.59)*

Devido às experiências da fase anterior, do corpo vivido, a criança agora, faz representação mental dos elementos do espaço, associa seu corpo aos objetos da vida cotidiana. Ela descobre que é possível dominar e situar seu corpo, o objeto em seu espaço e tempo.

Ela chega à representação dos elementos do espaço, descobrindo formas e dimensões orientado a partir de seu próprio corpo, passando a fazer assimilações através dessas orientações adquiridas como saber o que é direita, esquerda, acima, embaixo, o que vem antes, depois, primeiro, por último.

“(...) pode ser caracterizado como pré-operatório, porque está submetido à percepção num espaço em parte representado, mas ainda centralizado sobre o próprio corpo”. (id. p. 61)

3ª etapa: corpo representado (7 a 12 anos)

A criança tem um domínio corporal maior, já adquiriu as noções do todo e das partes de seu corpo, a partir daí, vai ampliando o seu esquema corporal.

“Sua imagem de corpo passa a ser antecipatória, e não mais somente reprodutora, revelando o verdadeiro trabalho mental devido à evolução das funções cognitivas correspondentes ao estágio preconizados por Piaget de operações concretas” (id. p. 60).

Esta fase permite que a criança programe mentalmente suas ações, tornando-se capaz de organizar e combinar diversas ações. Os pontos de referência não estão mais centrados no próprio corpo, ocorre descentralização, ou seja são exteriores ao sujeito, assim ele mesmo pode criar pontos de referência que pode orienta-lo, pois agora o corpo está situado como objeto.

3.3 Habilidades básicas

Elias (1985, p. 26) esclarece quais são as habilidades básicas que devemos trabalhar para favorecer o desenvolvimento da criança. São estas:

- “- *Comunicação: verbal e não verbal*
- *Coordenação motora ampla*
- *Rítmo*
- *Coordenação viso-motora*
- *Orientação espacial – lateralidade*
- *Orientação temporal*
- *Discriminação visual*
- *Percepção figura-fundo*
- *Atenção e concentração*
- *Discriminação auditiva*
- *Memória visual-auditiva*
- *Classificação*
- *Seriação*
- *Análise-síntese*
- *Conservação”*

Descreveremos algumas habilidades básicas **segundo ELIAS (1985):**

É através da comunicação verbal e não verbal que a criança vai explorar o mundo que a cerca.

Através da comunicação verbal a criança passa a relacionar-se melhor socialmente, expressa suas emoções e sentimentos a partir da oralidade. Assim, o professor deverá estar consciente do seu trabalho no desenvolvimento da comunicação da criança, tendo bem em mente seus objetivos e trabalhar de forma sistematizada, respeitar a fala da criança, seu vocabulário, que gradativamente será enriquecido, deixando-a livre para falar livremente sobre seu dia-a-dia.

Sendo assim, deve se trabalhar com atividades recreativas, dando asas à imaginação, fazer perguntas sobre o dia-a-dia da criança, passear com eles e pedir para que eles relatem o que viram, assim por diante. Fazer com que eles falem sobre coisas relacionadas ao que viveram no seu dia-a-dia, ou mesmo sobre um passeio que fizeram uma vez no mês, ajudará a manter um vínculo com a criança, desenvolvendo gradativamente sua capacidade de comunicar-se com o outro, percebendo assim o outro, despertando sua criatividade, atenção, concentração, imaginação, memória, etc.

Quando se trata da comunicação não verbal, refere-se à criança dizer coisas através da expressão corporal, mímica, desenho, etc. Cioppo (1985) esclarece que para que se possa desenvolver um bom trabalho com os alunos, é preciso desenvolver suas habilidades básicas, assim, precisamos conhecer quem são nossos alunos, assim como o meio em que vivem, trabalhar sistematicamente as habilidades básicas dos alunos, definir os objetivos que vão nortear nosso trabalho durante o ano letivo assim como a revisão do mesmo periodicamente.

“Muitas vezes o desenho revela fatos do mundo interior da criança. Ela se projeta através dele, dando vazão a seus anseios, chegando muitas vezes a superar seus conflitos interiores.

Pela mímica e expressão corporal, a criança se conscientiza, com mais facilidade, do seu corpo e, dessa maneira, forma uma imagem de si própria.

Também na expressão corporal e mímica ela se solta, colocando para fora tudo o que na realidade e na fantasia a aflinge” (ELIAS, 1985, p. 31).

Quando a habilidade da comunicação seja verbal ou não verbal não é bem trabalhada com a criança, essa pode não adquirir “(...) novas formas de percepção, imaginação, raciocínio, planejamento, memória e auto-expressão”. (Elias, 1985, p. 35).

A autora ainda coloca que como consequências terá uma criança mais inibida ao falar, alterando o timbre da voz e o volume, ou pode ocorrer falta de fluência na comunicação oral, repetindo palavras como : “daí né”, então né” ou omissão, ou mesmo uma falta de compreensão de ordens simples ao realizar tarefas sugeridas à ela.

Coordenação global

Aos poucos, o indivíduo vai vivenciar experiências, adquirindo o equilíbrio, que se dá através das suas ações sobre o meio, assim, ele vai tomando consciência de seu corpo e de suas posturas, coordenando de forma cada vez mais equilibrada e consciente seus movimentos. “ A coordenação global diz respeito à atividade dos grandes músculos. Depende da capacidade de equilíbrio postural do indivíduo” (OLIVEIRA, 2007, p. 41).

Assim, com o desenvolvimento da mesma, através de suas ações sobre o meio, ocorrerá a dissociação dos movimentos, ou seja, é a capacidade de

realizar diferentes tarefas e movimentos ao mesmo tempo. Como exemplifica a autora (id. p. 41- 42) “ Quando uma pessoa toca piano, por exemplo, a mão direita executa a melodia, a esquerda o acompanhamento, o pé direito a sustentação. São três movimentos diferentes que trabalham juntos para conseguir uma mesma tarefa”.

Coordenação motora ampla, segundo ELIAS (1985) é a consciência e o domínio de todas as partes de seu próprio corpo. Se essa coordenação motora ampla não for bem trabalhada com a criança, ela poderá ter dificuldades em sentar-se em uma postura adequada, de modo que não lhe canse, em manusear, controlar e organizar objetos e em atender à solicitações verbais e motoras.

Coordenação fina e óculo-manual

“ A coordenação fina diz respeito à habilidade e destreza manual e constitui um aspecto particular da coordenação global”. (OLIVEIRA 2007, p. 42).

“ Só possuir uma coordenação fina não é suficiente. É necessário que haja também um controle ocular, isto é, a visão acompanhando os gestos da mão. Chamamos isto de coordenação óculo-manual ou visomotora”. (id, p. 43)

A capacidade de manusear objetos pequenos ou escrever, exige o exercício de apreensão e pressão sobre os objetos. “A coordenação visomotora é o desenvolvimento coordenado da visão, com a movimentação das partes do corpo” (ELIAS, 1985, p. 43).

Se esta habilidade não for bem desenvolvida, a criança terá dificuldades em escrever da direita para a esquerda, escrever na posição e no tamanho adequado.

A coordenação óculo-manual é fundamental para a escrita, pois, é através da dela que os gestos da escrita serão executados com maior precisão.

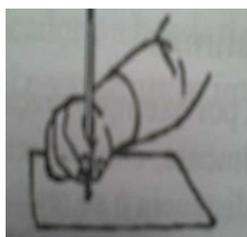
“ (...) o desenvolvimento da escrita depende de diversos fatores: maturação geral do sistema nervoso, desenvolvimento psicomotor geral em relação à tonicidade e coordenação dos movimentos e desenvolvimento da motricidade fina dos dedos da mão”. (AJURIAGUERRA, In OLIVEIRA 2007, p. 43).

Com as vivências que são adquiridas através das situações experienciadas no cotidiano do indivíduo, favorecem muito para que ele se desenvolva, um exemplo disso é a independência dos braços em relação ao ombro e da mão em relação aos dedos, que favorecem muito para a precisão da coordenação visomotora, assim:

“ A escrita necessita desta independência dos membros para se processar de maneira econômica, sem cansaço, e para que o indivíduo consiga controlar a pressão sobre os dedos (tônus muscular)” (OLIVEIRA, 2007, P. 43).

Segundo Oliveira (id.) o desenvolvimento global do ato de sentar-se influencia também na escrita, pois precisa-se adquirir uma postura correta para realizar os movimentos gráficos. É necessário também que a pessoa consiga controlar a pressão gráfica que está exercendo sobre o papel ao escrever, adquirindo maior destreza, controlando a velocidade de seus movimentos. Assim, segundo a autora, alguns padrões de movimentos precisam ser desenvolvidos na criança para que ela possa conseguir realizar uma preensão correta sem se cansar de modo a adquirir maior precisão no ato de escrever.

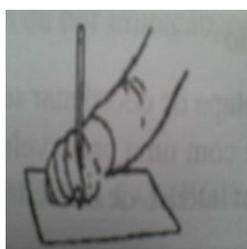
Pega normal do lápis



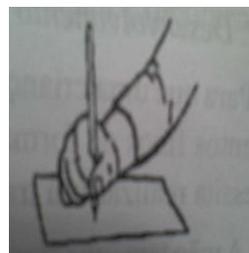
1. Pega em oposição (a mais correta)



2. Dedos próximos ao ponto

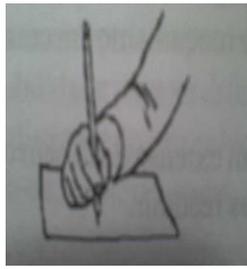


3. Lápis perpendicular à mesa

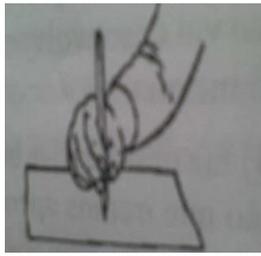


4. Dedão enlaçando o indicador

Pega anormal do lápis



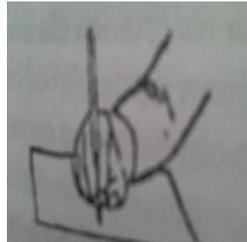
5. Indicador enlaçando o dedão



6. Pegas de dois dedos e dedão



7. Três dedos e dedão



8. Lápis entre o indicador e o terceiro dedo



9. Uso do punho na pega do lápis



10. Palmar

Ilustração 4 – Posturas fundamentais de pegas de lápis, fornecidas por Silver and Hagin. (In OLIVEIRA, 2007, p. 45).

Brandão (In OLIVEIRA, 2007), fala sobre a maturidade neurológica do recém-nascido, do desenvolvimento dos mecanismos necessários adquiridos para que ele consiga desenvolver o movimento de preensão.

Assim, faz uma análise sobre o desenvolvimento da preensão, que Oliveira (id.) resumiu. Assim, aos três meses de vida, a criança se depara com as primeiras atividades de preensão, através do tato, paulatinamente, vai ao adquirir a coordenação óculo-manual, consegue pegar os objetos que se encontram próximas à ela, em seu campo visual.

“No quarto ou quinto mês a preensão é cúbito-palmar (entre o mínimo ou os dois últimos dedos e a palma da mão)” (...) “A partir do quinto e sexto mês a preensão é exercida pela flexão dos quatro últimos dedos contra a palma da mão e que corresponde à posição de pinça dígito-palmar” (id, p. 46).

Assim, através das ações, a criança vai amadurecendo seus movimentos de preensão, e é a partir do oitavo ou décimo mês de vida que a

criança passa a agir sobre o manuseio dos objetos de forma mais voluntária, escolhendo assim, o padrão de preensão que deseja usar em diversas ocasiões. “Nesta fase a preensão é radiopalmar, isto é, pega os objetos entre a última falange do indicador e a borda do polegar. Depois se transforma em radiodigital e vai se aproximando da forma desejada de preensão do adulto” (id., p. 47).

É só a partir de um ano que a preensão se adapta ao uso de objetos, que ocorre através das experimentações da criança sobre o meio e objetos.

Lateralidade, orientação espacial e temporal

A lateralidade é definida a partir da preferência neurológica que se tem por um lado do corpo no que diz respeito à mão, pé, olho, ouvido. Assim, uma lateralidade bem definida assegura à criança maior facilidade para aprender as posições à direita e à esquerda em relação ao seu próprio corpo e aos objetos.

“ A lateralidade é importante por que permite à criança fazer uma relação entre as coisas existentes em seu meio. Dizemos que uma criança que já tenha uma lateralidade definida e que esteja consciente dos lados direito e esquerdo de seu corpo está apta para identificar esses conceitos no outro e no espaço que a cerca. Obedece, portanto, a algumas etapas: primeiro assimila os conceitos em si mesma, depois os objetos em relação à si mesma. Em seguida, descobre-os no outro que está à sua frente e finalmente nos objetos entre si” (OLIVEIRA, 2007, p. 72).

A aquisição deste conceito para a aprendizagem da leitura e escrita é essencial para que a criança não troque as letras: p – q, b – d; ou confunda palavras como: queijo – pueijo, bola – dola, ou mesmo na escrita em espelho: 5 – 2, 36 – 63, casa - saca, etc.

“Um fator importante para a educação escolar é o desenvolvimento do sentido de espaço e tempo. Isto significa que a criança se movimenta em um determinado espaço e tempo. Uma boa orientação espacial poderá capacitá-la a orientar-se no meio com desenvoltura” (OLIVEIRA, id. p.39).

Orientação espacial e temporal é orientar-se no espaço, é ver-se e ver as coisas no espaço em relação a si próprio; é dirigir –se, é avaliar os movimentos e adaptá-los no espaço, estabilizar o espaço vivido e, dessa

forma, poder agir correspondentemente. Enfim, é a coincidência da relação do corpo com o meio.

Perceber e situar seu próprio corpo em relação aos objetos e aos outros é se orientar espacialmente, lateralmente e temporalmente. Se essas habilidades não forem bem desenvolvidas, a criança não será capaz de reconhecer, nem determinar ordens dos fatos ocorridos verbalmente ou na sequência da escrita.

Rítmo

Cada criança tem seu ritmo de realizar determinadas tarefas. O ritmo é individual, assim, o tempo de cada criança deve ser respeitado.

O ritmo está presente em todas as manifestações da motricidade humana é, portanto interno e pode ser alterado a partir de estímulos externos, está relacionado aos processos psíquicos, afetivos e emocionais do indivíduo.

Após descrevermos essas habilidades básicas, devemos levar em consideração a importância de se desenvolver na criança, sabendo que isso se repercutirá na sua vida adulta.



A observação do comportamento infantil constitui-se num valioso recurso ao trabalho do professor"

(ELIAS, 1985, p. 15).

Ilustração 5

4 A importância de brincar e dos jogos durante a primeira infância.

A criança, na primeira infância, inicia os primeiros contatos com o ambiente, com as pessoas e com os objetos que fazem parte do seu meio social.

Atualmente o dia-a-dia da criança está distribuída em tarefas, como ir a escola, cursos de línguas, aulas de esportes, a criança acaba passando a maior parte do tempo em frente de computadores e da televisão sem limites, para os pais é mais cômodo deixar a criança disciplinada a uma atividade passiva, entendendo que isso é o melhor para ela.

“Seria muito bom que o período da infância continuasse a ser o domínio do lúdico, do brinquedo, da brincadeira, enfim de criação de uma cultura da criança. Mas o que ocorre é que, até mesmo para a criança, as atividades lúdicas vêm sendo, cada vez mais precocemente subtraídas do cotidiano (MARCELLINO, 2002, p. 36).

É nos primeiros anos de vida que a criança, praticamente, adquire os potenciais: motor, cognitivo, afetivo e social, os quais geram conseqüências fundamentais sobre a vida futura. Para que esse que esses potenciais ocorram de forma sadia, a criança precisa de um tempo para o brincar, pois é um momento fundamental para o seu desenvolvimento. Através da brincadeira a criança desenvolve sua autonomia e comunicação, se expõe, explora sua criatividade, ela se revela através do brincar, como afirma (SOUZA, 2007, p. 7):

“É por meio de jogos e de situações de faz-de-conta que ela compreende as regras sociais, desenvolve habilidades físicas, aprende a lidar com os próprios sentimentos e se prepara para os desafios da vida adulta”.

O brincar proporciona a aquisição de novos conhecimentos, desenvolve habilidades é uma das necessidades básicas da criança, é essencial para um bom desenvolvimento motor, social, emocional e cognitivo.

“A necessidade de brincar, do lazer da criança, independe de classes social. Mas que argumentos devem ser embasá-la? O primeiro e fundamental aspecto sobre sua importância é que uma atividade gostosa dá prazer e traz

felicidade. E nenhum outro motivo precisaria ser acrescentado para afirmar a sua necessidade” (MARCELLINO, 2002, p. 37).

Entendemos que os adultos, que pensam muito no futuro da criança, não compreendem a necessidade da fase da criança brincar.

uma pesquisa feita no Brasil em 77 cidades, encomendada pela Unilever e conduzida pelo Instituto Ipsos, revela que dos pais entrevistados:

“84% concordam que para estarem preparadas para a vida, às crianças devem brincar menos e estudar mais. Com isso todo, os jogos tendem a ficar restritos ao período em que as crianças estão na escola”. (BUCHALLA, 2007, p.89)

Esse posicionamento dos pais com relação ao ato de brincar, que é encarado como “perda de tempo” demonstrando constante preocupação com o futuro profissional do filho, deixa claro que é necessário uma conscientização maior e um esclarecimento sobre a importância do ato de brincar para a criança, pois é através do brincar que ela se relaciona, alimenta a sua vida interior, liberando assim sua capacidade de criar e reinventar o mundo. Sendo assim, conclui-se que as estimulações variadas, oportunas e organizadas dos movimentos na criança, através de jogos e brincadeiras levam a aprendizagem significativa.

“ (...) é fundamental que se assegure a criança o tempo e o espaço para que o caráter lúdico do lazer seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida para criatividade e a participação cultural e, sobretudo, para o exercício do prazer de viver, e viver, como diz a canção”... como se fora brincadeira de roda...”(MARCELLINO, 2002, p. 38).

Sintaticamente enfatizaremos alguns aspectos relevantes sobre o brincar, os jogos simbólicos e espontâneos de acordo com os conceitos de Piaget (1978); Marcellino (2002); Brougère (In SARTI, 2001); Chateau(1987); Brasil (1998); Elias (1985) e Wallon (In GALVÃO, 1995).

Brougère (In SARTI, 2001) afirma que o desenvolvimento da criança ocorre pela experiência social, a brincadeira é o resultado de relações interindividuais, portanto, produto da cultura, sendo assim, não existe na criança o brincar natural, é preciso ensinar a criança a brincar.

“Através do prazer, o brincar possibilita à criança a vivência da sua faixa etária e ainda contribui, de modo significativo, para uma formação como ser realmente humano, participante da sociedade em que vive, e não apenas como mero indivíduo requerido pelos padrões de “produtividade social” (MARCELLINO, 2002, p. 39).

Sendo assim, acredito que através do brincar a criança prepara-se para aprender. Brincando ela aprende novos conceitos, adquire informações e tem um crescimento saudável, vai construindo sua identidade, a imagem de si e do mundo que a cerca.

Os jogos espontâneos, são vistos por (Piaget, 1978); como um instrumento incentivador e motivador no processo de aprendizagem, por que dá à criança uma razão própria que faz exercer de maneira significativa sua inteligência e necessidade de investigação.

O desenvolvimento do jogo para Piaget se dá desde o período de recém-nascido, onde a criança fará uma adaptação com o mundo exterior através de suas ações reflexas, que dará início aos esquemas sensório-motor.

Através do jogo simbólico, a criança exercita não só sua capacidade de pensar, de representar simbolicamente suas ações, mas também, suas habilidades motoras, já que salta, corre, gira, transporta, rola, empurra, etc. Assim é que se transforma em pai/mãe para seus bonecos ou diz que uma cadeira é um trem, nesta fase, o raciocínio lógico ainda não é suficiente para que ela dê explicações coerentes a respeito de certas coisas, por isso, ela fantasia e não é tão importante para ela explicar sobre o que está fantasiando.

De acordo com as linhas gerais sobre a conceituação da atividade lúdica apresentada por esses autores, podemos concluir que a brincadeira exerce um papel fundamental na constituição do sujeito ao possibilitar à criança a criação da sua personalidade seja pela busca de satisfazer seus desejos, por exercitar sua capacidade são inúmeras as influências que o jogo exerce na vida da criança, bem como sua evolução desde o nascimento.

A criança, utiliza o jogo como uma maneira de orientar seu pensamento para uma satisfação pessoal, a partir do seu contato com as pessoas e os objetos, cria assim, situações que partem da realidade à fantasia. Assim, é através do jogo simbólico que ela relaciona –se com o mundo.

“(...) com a socialização da criança o jogo adota regras ou adapta cada vez mais a imaginação simbólica aos dados da realidade sob a forma de construções ainda espontâneas mas imitando o real...” (PIAGET, 1978 p. 116).

Os jogos e as brincadeiras são uma forma de lazer no qual estão presentes as vivências de prazer e desprazer. Representam uma fonte de conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmo, contribuindo para o desenvolvimento de recursos cognitivos e afetivos que favorecem o raciocínio, tomada de decisões, solução de problemas e o desenvolvimento do potencial criativo.

A brincadeira assume um papel essencial porque se constitui como produto e produtora de sentidos e significados na formação da subjetividade da criança. Essa atividade proporciona um momento de descontração e de informalidade que a escola pode utilizar mesmo que isso possa parecer um paradoxo já que o seu papel, por excelência, é o de oferecer o ensino formal, mas tendo também de exercer um papel fundamental na formação do sujeito e da sua personalidade. Portanto, passa a ser sua função inclusive a de oferecer atividades como a brincadeira. Porém, a introdução de um espaço de brincadeira constitui uma atividade que não é fácil de se propor, uma vez que requer o desenvolvimento da habilidade de brincar do professor.

Nesse sentido, o lúdico não deve ser utilizado apenas como um instrumento didático para auxiliar na aprendizagem dos conteúdos curriculares. Mas, principalmente, como uma ampliação da percepção da professora em relação à brincadeira mostrando a importância desta nos processos de desenvolvimento e aprendizagem, podendo ser utilizada como fonte de diálogo, possibilitando um maior conhecimento sobre seus alunos.

Acreditamos que o momento lúdico, como espaço de descontração, na escola, deve ser visto como constituinte do sujeito, o qual, a partir de vivências que experimenta, constrói suas relações interpessoais. O sujeito é desenvolvimento e processualidade permanente sem nunca ficar estático em sua condição subjetiva atual. Então, a escola, ao oferecer espaços como esse, possibilita novas oportunidades para o desenvolvimento da subjetividade. A brincadeira favorece o desenvolvimento integral do aluno na sua subjetividade.

Através da brincadeira, a criança tem a possibilidade de experimentar novas formas de ação, exercitá-las, ser criativa, imaginar situações e reproduzir momentos e interações importantes de sua vida, resignificando-os.

Na primeira infância, mais que em qualquer período, é fundamental para a vida das pessoas o brincar, o jogo e o brinquedo.

Jogos e brincadeiras como bola, amarelinha, cantigas de roda, pega-pega, pular corda, tem exercido ao longo da história, importante papel no desenvolvimento das crianças.

As crianças brincam com muita intensidade nessa fase pré-escolar.

Os jogos e brincadeiras atribuem gestos, expressões faciais, movimentos apreendidos e significados de diferentes maneiras por diferentes grupos sociais. Cada cultura atribui significados diferentes ao movimento, aos gestos, expressões faciais, posturas corporais, sendo muito grande a influência da cultura para o movimento.

“ O jogo contém um elemento de motivação que poucas atividades teriam para a primeira infância: o prazer da Atividade lúdica”. (CHATEAU, 1987, p. 134).

Entendemos que o termo “lúdico” envolve os termos “jogo” e “brincar”. Assim, ao falarmos sobre jogos e o brincar, encontramos na literatura diferentes concepções sobre esses termos. No entanto, podemos dizer que há uma concordância presente em diferentes autores de diversas áreas do conhecimento, em relação ao jogo como sendo um fenômeno cultural, muito antigo, que ocorre tanto na criança como no adulto, de formas diferentes e com funções diferenciadas. O jogo pode ser visto como uma forma básica da comunicação infantil a partir da qual as crianças inventam o mundo e elaboram os impactos exercidos pelos outros.

As relações reais de interação entre as crianças ocorrem de forma lúdica. Ao mesmo tempo em que os meninos desempenham papéis de trabalhadores, discutem entre si como o conteúdo do jogo deve ser elaborado. Assim, as crianças organizam-se entre si e compreendem, durante a atividade, necessidades de escutar e de agir que condiciona o próprio desenrolar do tema.

4.1 O brincar e os jogos na pré- escola

A escola deve aproveitar as atividades lúdicas para o desenvolvimento físico, emocional, mental e social da criança.

Já que a criança precisa se expressar também pelo corpo, é necessário que exista uma intencionalidade educativa, um planejamento das atividades, um ambiente rico e propício a novas experiências e, sobretudo, o envolvimento do educador.

É fundamental o envolvimento do professor neste processo, a conscientização da importância das atividades lúdicas para o desenvolvimento da Psicomotricidade, visto que jogos e brincadeiras são, conforme os estudiosos aqui analisados, experiências ativas que se correlacionam ao ambiente e devem ser aplicadas nas crianças em fase escolar.

A **pré-escola incentiva** a criança a se relacionar, a descobrir e a conhecer tudo à sua volta, o engatinhar, o andar, o correr e o saltar proporciona à criança descobrir o espaço e os obstáculos presentes. O tocar nas pessoas e nas coisas estimula o desenvolvimento de suas sensações e percepções, desenvolvendo suas habilidades, assim, aprende a ficar consciente dos movimentos, para evitar levar “trombadas”.

Quando o adulto dá à criança condições e orientações para que ela possa adquirir novas experiências, tal possibilidade servirá de suporte a um melhor conhecimento de seu corpo e de suas possibilidades de movimento.

Levando em consideração a amplitude que a questão motora assume na vida da criança, é importante que a instituição escolar reflita ao planejar dadas atividades nos momentos da rotina diária das crianças, levando em consideração os significados que tem para os familiares e para determinada comunidade.

“Visando garantir uma atmosfera de ordem e de harmonia, algumas práticas educacionais procurem simplesmente suprimir o movimento, impondo às crianças de diferentes idades rígidas restrições posturais”. (BRASIL, 1998, p. 17)

A disciplinaridade não é manter os alunos calados, sentados, mas é o envolvimento do grupo como um todo, seus deslocamentos, suas conversas, expressões, movimentos, por que são manifestações naturais das crianças, fundamentais para seu desenvolvimento e essa compreensão lúdica do aprender deve ser levado em consideração pelo professor, para que ele organize melhor sua prática, levando em consideração que todo movimento é apreendido e significado pela criança, como relata no RCNEI (BRASIL, 1998, p.17):

“Todavia, a julgar pelo papel que os gestos e as posturas desempenham junto à percepção e à representação, conclui-se que, ao contrário, é a impossibilidade de mover-se ou de gesticular que pode dificultar o pensamento e a manutenção da atenção”.

Aos poucos, a criança vai controlando suas condutas voluntárias, passando a comandar o estímulo, escolhendo o foco da sua atenção, planejando suas ações ao realizar determinadas atividades.

O aluno é um ser ativo, capaz de assimilar a realidade externa de acordo com suas estruturas mentais. Assimilar o mundo é transformá-lo, representando-o de forma subjetiva. A aprendizagem deve despertar o interesse, estimulando a curiosidade e a criatividade. Logo, o interesse relacionado à atividade lúdica na escola tem-se mostrado cada vez maior e, principalmente, de professores que buscam alternativas para o processo ensino-aprendizagem.

“O objetivo fundamental da escola deveria ser o de criar condições favoráveis ao desenvolvimento global da criança, de forma harmoniosa, em seus aspectos físico, sócio-emocional e intelectual. Priorizar apenas um desses aspectos em detrimento dos demais, seria danoso, pois, o desenvolvimento se realiza sempre de forma integrada”. (ELIAS, 1985, p. 9)

A importância do papel do professor como facilitador de um ambiente propício ao desenvolvimento completo, de modo que a criança tenha liberdade de expressar-se livremente, conhecer e reconhecer seu próprio corpo.

“A observação do comportamento infantil constitui-se num valioso recurso ao trabalho do professor” (ELIAS, 1985, p. 15).

Importante o professor incluir atividades corporais entre as atividades das crianças. O jogo deve ser encarado pelos professores como recurso pedagógico, vinculado ao projeto pedagógico da escola, com objetivos educacionais, como em qualquer outra atividade, pensando onde se quer chegar, o que se pretende desenvolver.

Wallon (In Galvão, 1995) traz implicações educacionais em seus estudos sobre o movimento, propondo uma reflexão educacional acerca da repressão dos movimentos como fator prejudicial para o desenvolvimento da criança, no plano afetivo, na inteligência e no ato motor em si.

A teoria Wallonia traz apontamentos relevantes, sendo necessária a sua análise e interpretação para que os professores da Educação Infantil possam planejar suas atividades e criar as condições adequadas que favoreçam o desenvolvimento pleno da criança.

A criança precisa encontrar condições adequadas para a sua formação, por exemplo: manter equilíbrio, correr, saltar, girar, coordenar percepções e movimentos com seu próprio corpo, andar rápido, normal, etc.

“A convivência é um fato, uma necessidade. Nascemos e crescemos na dependência dos outros” (ELIAS, 1985, p. 17).

A psicomotricidade é importante para o processo de desenvolvimento da criança, pois representa a realização do pensamento com equilíbrio, já que corpo, mente e afetividade estão interligados. Sendo assim, o professor deve trabalhar de forma consciente, sabendo a importância do desenvolvimento das habilidades básicas da criança para o seu desenvolvimento como um todo.

“O professor deve ter conhecimento das características mais importantes dos estágios que antecedem os primeiros anos da escolarização, para poder diagnosticar e trabalhar cada um dos estágios do desenvolvimento infantil”. (ELIAS, 1985, p. 9).

O professor deve ficar atento com o ritmo de aprendizagem de cada aluno levando sempre em consideração suas diferenças individuais e na forma como trata os alunos mais lentos, para não os rotular, reforçando sempre cada progressos que estes fizerem.

Considerações Finais

Dada a importância da organização motora sobre a organização da personalidade da criança, é necessário um trabalho educativo que venha a promover um melhor desenvolvimento das potencialidades da criança, levando-se em conta os objetivos propostos e as atividades relativas às etapas de desenvolvimento da criança.

Andressa,

Eu havia sugerido outras coisas para as considerações finais e feito algumas correções que você não incorporou. Precisei fazer tudo novamente.

Referências Bibliográficas

AJURIAGUERRA, Julian de. *“Manual de psicopatologia infantil”*. São Paulo : Artes Medicas : Masson, 1986.

ARAÚJO, Vânia Carvalho de. *“O jogo no contexto da educação psicomotora”*. São Paulo: Cortez, 1992.

BENJAMIN, Walter. *“Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação”*. São Paulo: Summus, 1984.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *“ Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil”/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998. 3 v.*

BUCHALLA, Anna Paula. *“Criança feliz, feliz a brincar”*. Revista Veja: Editora: ABRIL - ano 40 – nº 7, 21 de Fevereiro de 2007.

CHÂTEAU, Jean. *“O jogo e a criança”*. São Paulo: Summus, 1987.

COSTA, Auredice Cardoso. *“Psicopedagogia e Psicomotricidade: pontos de intersecção nas dificuldades de aprendizagem”*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. *“Alfabetização: habilidades básicas- atividades”*. São Paulo: Base Editorial e Tecnologia Educacional, 1985.

FONSECA, Vitor da. *“Psicomotricidade: Perspectivas multidisciplinares”*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FREIRE, João batista. *“Educação de corpo inteiro”*. São Paulo: Scipione, 1994. 4ª ed.

GALVÃO, Izabel, *“Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil”*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

KISHIMOTO, T. M. *“O jogo e a educação infantil”*. São Paulo: Pioneira, 2001.

KOLYNIK, Filho Carol. *“Educação física: Uma introdução”*. São Paulo: EDUC, 1996.

LE BOULCH, Jean. *“Educação psicomotora: a psicomotricidade na idade escolar”*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

LORO, Paulo Alexandre. *“Ação pedagógica visa promover vivências significativas na infância”* in: Revista do Professor – Educação Infantil: Corpo em movimento. Porto Alegre. Ano 23. número 92. Out./ Dez. 2007.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. “*Estudos do lazer: uma introdução*”. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Autores associados, 2002.

MALUF, Ângela C. M. “*Brincar: prazer e aprendizado*”. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MOREIRA, Wagner Wey (org). “*Corpo presente*”. Campinas. São Paulo: Papyrus, 1995.

NASCIMENTO, Lucia Schueller do. “*Psicomotricidade e Aprendizagem*” / Lucia Schueller do Nascimento; Maria Terezinha de Carvalho Machado. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Enelivros, 1986.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. “*Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico*”. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

PAGOTTI, Sueli Assis de Godoy. “*Movimento e consciência: Bases para a compreensão da Psicomotricidade*”. Tese Doutorado PUC/SP em Psicologia da educação. 1991.

PIAGET, J. “*A formação do símbolo na criança*” . Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

RAPPAPOTR, Clara Regina. “*Psicologia do desenvolvimento*”. São Paulo: EPU, 1981.

ROSA, Adriana Padilha. “*Atividades lúdicas: sua importância na alfabetização*”. / Adriana Padilha Rosa e Josiane Di Nisio. / 1ª ed. , 4ª tir./ Curitiba: Juruá, 2002.

ROSSETTI, Perla. “*De corpo e alma*”. ABCeducativo – a revista da educação. Ano 2. número 6. março de 2001.

SARTI, Hilda Lúcia Cerminaro. “*O brincar na prática pedagógica e no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: um estudo de caso*”. Dissertação de Mestrado. PUC/ SP. 2001.

SOUZA, Edilene Modesto de. “Quer brincar?”. Folha de São Paulo Equilíbrio – Infância. 11 de Outubro de 2007, p. 7.

VYGOTSKY, L. S. “*A formação social da mente*”. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WADSWORTH, Barry. “*Inteligência e Afetividade da criança na teoria de Piaget*”, Pioneira, 1996.

WALLON, Henri. “*As origens do pensamento na criança*”. São Paulo: Manole, 1989.